

Desconstruções e ressignificações  
de papéis tradicionais de género  
– o papel da prática de *swing* no feminino  
Isabel Cristina das Dores

**M**

2023



**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**DESCONSTRUÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DE PAPÉIS TRADICIONAIS DE  
GÉNERO – O PAPEL DA PRÁTICA DE SWING NO FEMININO**

**Isabel Cristina das Dores**

Outubro 2023

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia,  
área de Psicologia da Justiça e da Desviância, da  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da  
Universidade do Porto, orientada pela Professora  
Doutora *Sara Isabel Magalhães* (FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## “O primeiro dia”

*A princípio é simples, anda-se sozinho  
Passa-se nas ruas bem devagarinho  
Está-se bem no silêncio e no borburinho  
Bebe-se as certezas num copo de vinho  
E vem-nos à memória uma frase batida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida*

*Pouco a pouco o passo faz-se vagabundo  
Dá-se a volta ao medo, dá-se a volta ao mundo  
Diz-se do passado, que está moribundo  
Bebe-se o alento num copo sem fundo  
E vem-nos à memória uma frase batida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida*

*E é então que amigos nos oferecem leito  
Entra-se cansado e sai-se refeito  
Luta-se por tudo o que se leva a peito  
Bebe-se, come-se e alguém nos diz bom proveito  
E vem-nos à memória uma frase batida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida*

*Depois vêm cansaços e o corpo fraqueja  
Olha-se para dentro e já pouco sobeja  
Pede-se o descanso, por curto que seja  
Apagam-se dúvidas num mar de cerveja  
E vem-nos à memória uma frase batida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida*

*E enfim de uma escolha faz-se um desafio  
Enfrenta-se a vida de fio a pavio  
Navega-se sem mar, sem vela ou navio  
Bebe-se a coragem até dum copo vazio  
E vem-nos à memória uma frase batida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida*

*E, entretanto, o tempo fez cinza da brasa  
E outra maré cheia virá da maré vazia  
Nasce um novo dia e no braço outra asa  
Brinda-se aos amores com o vinho da casa  
E vem-nos à memória uma frase batida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida  
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida*

(Sérgio Godinho)

## Agradecimentos

O percurso que desta forma caminha para um fim, não se fez sem a colaboração e o apoio de várias pessoas que merecem o meu agradecimento.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Sara Isabel Magalhães, por ser a tranquilidade e o ânimo neste processo longo e desafiante que agora se aproxima do fim.

Em segundo lugar, agradeço ao clube de *swing* que me recebeu e às minhas participantes pela colaboração e confiança depositada em mim durante a partilha das vossas histórias, sem elas este trabalho nunca teria sido possível.

Aos meus pais nunca terei palavras suficientes para agradecer o amor incondicional e a liberdade que sempre recebi e me permitiu traçar o meu próprio caminho.

Ao meu irmão, agradeço o apoio e a compreensão. Continuaremos sempre a crescer juntos.

Ao meu Padrinho, agradeço toda a disponibilidade e todos os conselhos.

Ao Roberto, agradeço seres o significado de amor.

À Diana e à Ana, agradeço a amizade de uma vida, para o que der e vier.

À Raquel e à Sofia, agradeço a disponibilidade constante e o terem sido tantas vezes calma e conforto.

Ao Diogo, agradeço as partilhas e os encontros inesperados.

Ao *Quetintressa*, agradeço as histórias que ficarão sempre de uma residência cheia e de sabe-se lá quantos Vladimir e Amy's.

Aos Minions, agradeço por sempre terem sido um lugar onde posso voltar para chorar, rir, berrar e partilhar as aventuras mais fora do normal e memoráveis destes anos.

E ao Mini, a quem prometi que faria valer a pena todo o tempo que tenho e ele não teve, obrigada por me lembrares sempre que a vida é o que fazemos dela hoje, porque amanhã podemos não estar cá.

## Resumo

O *swing* refere-se a uma prática na qual pessoas que se encontram numa relação heterossexual estável, frequentemente casadas, se envolvem em relações sexuais extraconjugais de forma consensual, preservando a exclusividade romântica (Frank, 2013). Assim, os *swingers* consideram-se romanticamente monogâmicos e sexualmente não monogâmicos, havendo uma separação clara entre sexo e amor (Silvério, 2014a). Desta forma, o *swing*, rompe, em parte, com o modelo do casal monogâmico (Wolkomir, 2020), caracterizado pelo compromisso, entre duas pessoas, de praticar a exclusividade romântica e sexual (Brewster et al., 2017). Além disso, o *swing* desafia também os papéis tradicionais de género, presentes nas crenças de uma cultura acerca dos papéis, traços de personalidade e comportamentos perspetivados como normativos e, desta forma, esperados das mulheres e dos homens (Ward et al., 2022). A prática de *swing*, por romper as normas difundidas pela heteronormatividade e pela mononormatividade, é percebida como uma atividade desviante e as pessoas envolvidas na prática são consideradas moralmente desviantes e, conseqüentemente, estigmatizadas (Jenks, 1998; Serina et al., 2013).

O presente estudo pretende identificar o contributo do *swing* no empoderamento feminino, compreendendo de que forma esta prática influencia o processo de desconstrução e ressignificação dos papéis tradicionais de género em pessoas socializadas como mulheres e adeptas da prática. Foram entrevistadas 4 mulheres, três *swingers* e uma *single*, com idades entre os 37 e 51 anos. As suas partilhas foram posteriormente analisadas através do método de análise temática (Braun & Clarke, 2006) de onde ressaltaram quatro temas principais: *Processo de Iniciação, Estar no Meio, Mudanças e Estigma*.

De forma global, o presente estudo permitiu perscrutar as circunstâncias específicas da prática do *swing* e a sua relação com os papéis tradicionais de género difundidos pela heteronormatividade e mononormatividade, concluindo-se que estes são perpetuados, assim como as desigualdades nas dinâmicas de poder que lhes estão associadas, desfavorecendo a mulher em relação ao homem.

**Palavras-chave:** Não-monogamia consensual; *swing*; papéis tradicionais de género; mulheres

## Abstract

Swing refers to a practice in which people who are in a stable heterosexual relationship, often married, engage in consensual extramarital relationships while preserving romantic exclusivity (Frank, 2013). Thus, swingers consider themselves romantically monogamous and sexually non-monogamous, with a clear separation between sex and love (Silvério, 2014a). In this way, swing partly breaks with the model of the monogamous couple (Wolkomir, 2020), characterised by the commitment between two people to practice romantic and sexual exclusivity (Brewster et al., 2017). In addition, swing also challenges traditional gender roles, present in a culture's beliefs about the roles, personality traits and behaviours that are seen as normative and thus expected of women and men (Ward et al., 2022). Because swinging breaks the norms disseminated by heteronormativity and mononormativity, it is perceived as a deviant activity, and the people involved in the practice are considered morally deviant and, consequently, stigmatised (Jenks, 1998; Serina et al., 2013).

This study aims to identify the contribution of swing to female empowerment, and to understand how this practice influences the process of deconstruction and resignification of traditional gender roles in people socialised as women and adept at the practice. Four women were interviewed, three swingers and one single, aged between 37 and 51. Their comments were then analysed using the thematic analysis (Braun & Clarke, 2006), from which four main themes emerged: *Initiation Process*, *Being in the Medium*, *Changes* and *Stigma*.

Overall, this study made it possible to scrutinise the specific circumstances of swing and its relationship with traditional gender roles disseminated by heteronormativity and mononormativity, concluding that these are perpetuated, as well as the inequalities in the power dynamics associated with them, which disadvantage women in relation to men.

**Keywords:** Consensual non-monogamy; swing; traditional gender roles; women

## Resumé

Le swing désigne une pratique dans laquelle des personnes engagées dans une relation hétérosexuelle stable, souvent mariées, s'engagent dans des relations extraconjugales consenties tout en préservant l'exclusivité amoureuse (Frank, 2013). Ainsi, les échangistes se considèrent comme monogames sur le plan romantique et non monogames sur le plan sexuel, avec une séparation nette entre le sexe et l'amour (Silvério, 2014a). En effet, le swing rompt en partie avec le modèle du couple monogame (Wolkomir, 2020), caractérisé par l'engagement entre deux personnes à pratiquer l'exclusivité amoureuse et sexuelle (Brewster et al., 2017). En outre, l'échangisme remet également en question les rôles de genre traditionnels, présents dans les croyances d'une culture sur les rôles, les traits de personnalité et les comportements qui sont considérés comme normatifs et donc attendus des femmes et des hommes (Ward et al., 2022). Parce que l'échangisme rompt avec les normes diffusées par l'hétéronormativité et la mononormativité, il est perçu comme une activité déviante, et les personnes impliquées dans cette pratique sont considérées comme moralement déviantes et, par conséquent, stigmatisées (Jenks, 1998; Serina et al., 2013).

Cette étude vise à identifier la contribution de le swing à l'*empowerment* féminin, et à comprendre comment cette pratique influence le processus de déconstruction et de resignification des rôles de genre traditionnels chez des personnes socialisées en tant que femmes et adeptes de cette pratique. Quatre femmes ont été entrevue, trois swingers et une single, âgées de 37 à 51 ans. Leurs commentaires ont ensuite été analysés à l'aide de l'analyse thématique (Braun & Clarke, 2006), qui a permis de dégager quatre thèmes principaux : *Processus d'initiation, Être dans le milieu, Changements* et *Stigmatisation*.

Globalement, cette étude a permis d'examiner les circonstances spécifiques de le swing et sa relation avec les rôles de genre traditionnels diffusés par l'hétéronormativité et la mononormativité, concluant ceux-ci sont perpétués, ainsi que les inégalités dans la dynamique du pouvoir qui leur est associée, qui désavantagent les femmes par rapport aux hommes.

**Mots-clés :** Non-monogamie consensuelle ; échangisme ; rôles traditionnels des sexes ; femmes

# Índice

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>3</b>
HETERONORMATIVIDADE E PAPÉIS DE GÉNERO.....	3
MONOGAMIA E NÃO-MONOGAMIA CONSENSUAL .....	5
<i>SWING</i> .....	7
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO .....	12
PARTICIPANTES .....	12
PROCEDIMENTO DE RECOLHA DE DADOS .....	13
PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS .....	14
<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>15</b>
1) PROCESSO DE INICIAÇÃO .....	15
<i>Adesão</i> .....	16
<i>Reações</i> .....	17
2) ESTAR NO MEIO.....	18
<i>Fronteiras</i> .....	19
<i>Motivações</i> .....	23
<i>Diversidades</i> .....	24
3) MUDANÇAS .....	28
<i>Casal</i> .....	28
<i>Mulher</i> .....	29
4) ESTIGMA .....	29
<i>Estereótipos do meio</i> .....	30
<i>Preconceito social</i> .....	31
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXO 1. DIVULGAÇÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO 2. GUIÃO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO 3. DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO .....</b>	<b>43</b>

## Introdução

A heteronormatividade refere-se às crenças e práticas sociais, culturais, legais e institucionais que derivam de um conjunto de suposições acerca do que é considerado aceitável no que diz respeito ao sexo e ao gênero. Estas incluem o pressuposto de que apenas existem dois sexos e que é “natural” ou “normal” as pessoas sentirem-se atraídas pelo sexo oposto (Kitzinger, 2005). Assim, a heteronormatividade funciona como uma estrutura sociocultural que define apenas alguns tipos de sexualidades e relacionamentos como saudáveis, normais, morais e éticos (Rambukkana, 2015), e conseqüentemente marginaliza as vivências que não se incluem nela (Teixeira et al., 2021). Desta forma, determina normas e padrões de papéis de sexo/gênero que vão ditar que pares íntimos são aceitáveis, privilegiando os casais heterossexuais (Kowalski & Scheitle, 2020).

Portanto, a heteronormatividade tem implicações ao nível da sexualidade e dos papéis de gênero (Habarth, 2009; Kitzinger, 2005). As ideologias tradicionais de gênero representam as crenças de uma cultura acerca dos papéis, traços de personalidade e comportamentos perspetivados como normativos e, desta forma, esperados das mulheres e dos homens (Ward et al., 2022). Estas expectativas e normas acerca dos papéis de gênero funcionam como diretrizes ou ideais que moldam os comportamentos em múltiplos contextos, incluindo na sexualidade (Ward et al., 2022).

Posto isto, o padrão heteronormativo enquadra também fatores como o casamento, o compromisso, a monogamia, a longevidade das relações e reprodutividade (Klesse, 2016; Schippers, 2016). A monogamia é uma construção social difundida pela tradição ocidental (Barash & Lipton, 2001) que Brewster et al. (2017) definem como um modelo relacional entre duas pessoas que se comprometem a praticar a exclusividade romântica e sexual. Associado ao conceito de monogamia está a mononormatividade que concebe a diáde monogâmica como natural, moralmente correta e essencial na existência humana (Finn, 2012), referindo-se ainda a todos os processos sociais e institucionais que reforçam e determinam a monogamia como norma (Teixeira et al., 2021).

Apesar de a monogamia ser a norma na nossa sociedade, existem outros modelos relacionais, que rejeitam a ideia de partilhar uma relação romântica, afetiva e/ou sexual com apenas uma única pessoa, incluídos na não-monogamia consensual (Barker, 2005). O *swing*, enquadra-se no modelo da não-monogamia consensual, e refere-se a uma prática

onde pessoas que se encontram numa relação heterossexual estável, usualmente casadas, se envolvem em relações sexuais extraconjugais de forma consensual, preservando a exclusividade romântica (Frank, 2013).

Posto isto, o presente trabalho de investigação pretende, através de uma perspetiva feminista e interseccionalista, compreender de que forma o *swing* influencia o processo de desconstrução e ressignificação dos papéis tradicionais de género em pessoas socializadas como mulheres e adeptas da prática, considerando que este processo poderá contribuir para um empoderamento feminino.

Destarte, a dissertação que se segue organizar-se-á em quatro partes. Numa primeira parte, será apresentado um enquadramento teórico fundamentado pela revisão da literatura existente acerca das temáticas da investigação. A segunda parte irá descrever a metodologia e o processo de recolha e análise de dados utilizados. De seguida, será realizada uma análise e discussão dos dados obtidos. E, por fim, serão apresentadas as conclusões e limitações do estudo, assim como sugestões para estudos futuros.

## **Enquadramento teórico**

### **Heteronormatividade e papéis de género**

A heteronormatividade refere-se às crenças e práticas sociais, culturais, legais e institucionais que derivam de, ao mesmo tempo que reproduzem, um conjunto de conjecturas acerca do que é considerado aceitável no que diz respeito ao sexo e ao género. Estas crenças e práticas incluem a suposição de que apenas existem dois sexos e que é “natural” ou “normal” as pessoas sentirem-se atraídas pelo sexo oposto (Kitzinger, 2005). Assim, a heteronormatividade assume a heterossexualidade como norma de forma inconsciente e automática, estabelecendo os limites não só da suposta sexualidade “normal” como também das interações sociais “normais” (Habarth, 2009). Oswald et al. (2005) conceptualizam a heteronormatividade segundo um conjunto ideológico de três binários – género, sexualidade e família – que se relacionam entre si contribuindo para a construção social dos comportamentos socialmente adequados.

Análogo à heteronormatividade está o conceito de heterossexualidade compulsória, introduzido por Adrienne Rich em 1980, relacionava-se à experiência das mulheres lésbicas (Rich, 2003). Atualmente, a heterossexualidade compulsória refere-se à suposição e imposição social de que todas as pessoas nascem heterossexuais identificando-se com os papéis de sexo/género atribuídos à nascença (Teixeira et al., 2021).

A heteronormatividade funciona, então, como uma estrutura sociocultural que define como saudáveis, normais, morais e éticos apenas alguns tipos de sexualidades e relacionamentos (Rambukkana, 2015), e conseqüentemente marginaliza as vivências que não se incluem nela (Teixeira et al., 2021). Desta forma, determina normas e padrões de papéis de sexo/género que vão ditar que pares íntimos são aceitáveis, privilegiando os casais heterossexuais (Kowalski & Scheitle, 2020). Do ponto de vista da hegemonia heterossexual, apenas determinados modos de heterossexualidade são consideradas expressões válidas das identidades sexuais e sociais, havendo uma discriminação de orientações sexuais e relacionais diferentes (Klesse, 2016). Assim, existe uma hierarquização dentro das diferentes vivências da heterossexualidade, na qual em primeiro lugar e tidas como “normais” estão as pessoas casadas, monogâmicas e com filhos, seguidas dos casais monogâmicos que não estejam casados e não tenham filhos, e

depois as restantes pessoas heterossexuais (Rubin, 1984). Destarte, o padrão heteronormativo enquadra também fatores como o casamento, o compromisso, a monogamia, a longevidade das relações e reprodutividade (Klesse, 2016; Schippers, 2016).

Portanto, a heteronormatividade tem implicações ao nível da sexualidade e dos papéis de género (Habarth, 2009; Kitzinger, 2005). Para contextualizar melhor os papéis de género, é pertinente apontar que, numa perspetiva feminista, o sexo refere-se às manifestações biológicas e físicas associadas aos cromossomas sexuais e o género diz respeito às características psicológicas e sociais associadas às categorias biológicas do sexo, não estando necessariamente correlacionadas (Habarth, 2009).

Posto isto, as ideologias tradicionais de género representam as crenças de uma cultura acerca dos papéis, traços de personalidade e comportamentos perspetivados como normativos e, desta forma, esperados das mulheres e dos homens (Ward et al., 2022). Neste sentido, Eagly et al. (2004) aponta os papéis de género como o conjunto de expectativas acerca das características e comportamentos próprios dos homens e das mulheres e os estereótipos de género como o aglomerado de normas descritivas que especificam os atributos diferenciadores das mulheres e dos homens e determinam os comportamentos desejados para cada um. Estas expectativas sobre o que torna uma “boa mulher” ou um “homem de verdade” são normas culturais arraigadas e difundidas na sociedade sobre os papéis tradicionais de género (Ward et al., 2022).

Destarte, as normas culturais da feminilidade tradicional centram-se na pureza, gentileza, beleza, magreza, emotividade, capacidade de cuidar, modéstia, dependência e deferência (Smiler & Epstein, 2010). Nesse sentido, é expectável que as mulheres priorizem os papéis domésticos e de cuidadoras, valorizando a sua beleza e os seus relacionamentos (Ward et al., 2022). Já as normas para a masculinidade tradicional englobam a competição, agressividade, sucesso, ser forte, virilidade sexual, contenção emocional, independência e poder sobre as mulheres (Ward et al., 2022). Assim, estas expectativas e normas acerca dos papéis de género funcionam como diretrizes ou ideais que moldam os comportamentos em múltiplos contextos, incluindo na sexualidade (Ward et al., 2022).

Deste modo, estas normas encontram-se nos scripts sexuais (Gagnon, 1973; Simon & Gagnon, 1999) que, diferindo entre o género, descrevem estratégias de cortejo

e orientações ao nível dos compromissos e relações sexuais para cada género nas relações heterossexuais (Kim et al., 2007). Portanto, os papéis sexuais de género esperam que as mulheres utilizem a sua aparência para seduzir os homens, sejam passivas, que se subjuguem aos desejos e à busca pela interação sexual do seu parceiro, priorizando o compromisso. Porém, as mulheres podem ser ativas ao contribuírem para a satisfação sexual do parceiro, responsabilizando-se pelo controlo dos avanços masculinos e protegendo-se contra os riscos sexuais. Já os papéis sexuais de género dos homens esperam que estes valorizem as mulheres maioritariamente pela sua beleza, sejam agentes ativos no sexo heterossexual (rejeitando a homossexualidade), dando início, conduzindo e controlando a interação sexual e a eventual satisfação sexual da parceira, evitando, no entanto, as ligações emocionais (Amaro et al., 2022; Fasula et al., 2014; Sanchez et al., 2012; Ward et al., 2022). Desta forma, os papéis tradicionais de género refletem uma dinâmica de poder onde a masculinidade hegemónica é superior à feminilidade hegemónica (Wolkomir, 2020).

Posto isto, independentemente da opinião das pessoas acerca destes scripts e papéis sexuais de género, estas têm a consciência de que o seu comportamento será julgado com base nestes (Ward et al., 2022). Este julgamento acontece através de um duplo padrão sexual, uma vez que o padrão diferencial que aprecia a conduta sexual avalia a sexualidade masculina de forma mais permissiva e a sexualidade feminina de forma mais restritiva (Reiss, 1964). O duplo padrão sexual ensina às mulheres que a sua sexualidade deve ser controlada e minimizada, e os homens aprendem que a sua sexualidade é a chave da masculinidade (McCarthy & Bodnar, 2005).

Todavia, salienta-se que os papéis de género e os scripts sexuais são construções sociais que funcionam como normas em determinadas sociedades e podem variar entre culturas, raças e classes sociais (Ward et al., 2022).

### **Monogamia e não-monogamia consensual**

Durante séculos a monogamia foi associada ao contracto matrimonial e a exigência de exclusividade era apenas sexual. Atualmente, a monogamia tornou-se parte de um ideal romântico no qual a exclusividade emocional também é requerida (Rothschild, 2018). Assim, Brewster et al. (2017) definem monogamia como um modelo relacional entre duas pessoas que se comprometem a praticar a exclusividade romântica e sexual.

A monogamia pode também ser descrita segundo os padrões de atividade sexual, designadamente a “monogamia vitalícia” (uma pessoa como parceira sexual ao longo de toda a vida), a “promiscuidade completa” (um ato sexual por parceiro/a) e a “monogamia em série” (várias pessoas como parceiras sexuais ao longo da vida, de forma monogâmica e não simultânea) (Pinkerton & Abramson, 1993). Desta forma, a prática da monogamia nas culturas ocidentais contemporâneas, não corresponde necessariamente a ter-se apenas uma única pessoa como parceira sexual ao longo da vida (Conley et al., 2012). Não obstante, o ideal romântico do “amor verdadeiro” ainda prevalece (Sheff, 2012).

Portanto, a monogamia é simultaneamente idealizada e naturalizada, apresentando a exclusividade romântica e sexual como uma parte inerente aos relacionamentos amorosos (Barker et al., 2013; Ritchie & Barker, 2006). Contudo, a monogamia é uma construção social difundida pela tradição ocidental (Barash & Lipton, 2001) que funciona como uma instituição social fundamentando-se em discursos integrados em áreas como a biologia, psicologia, religião, jurídica, cultura popular, entre outros (Emmens, 2004; Deri, 2015). O facto de a monogamia ser um constructo social é tipicamente pouco falado e percecionado como invisível, disfarçando-se através da mononormatividade (Rosa, 1994). A mononormatividade concebe a díade monogâmica como natural, moralmente correta e essencial na existência humana (Finn, 2012), referindo-se ainda a todos os processos sociais e institucionais que reforçam e determinam a monogamia como norma (Teixeira et al., 2021).

A monogamia caracteriza-se, ainda, por um duplo padrão influenciado pelos papéis tradicionais de género e pelas concepções sociais das sexualidades feminina e masculina (Rothschild, 2018). Este duplo padrão exige das mulheres que sejam estritamente monogâmicas e valorizem o compromisso, enquanto aos homens é permitida uma maior liberdade romântica e sexual (Rothschild, 2018). Por conseguinte, as mulheres são severamente mais julgadas que os homens por terem os mesmos comportamentos sexuais (Reiss, 1964).

Apesar de a monogamia ser a norma na nossa sociedade, existem outros modelos relacionais, que rejeitam a ideia de partilhar uma relação romântica, afetiva e/ou sexual com apenas uma única pessoa, incluídos na não-monogamia consensual (Barker, 2005). Assim, a não-monogamia consensual refere-se aos relacionamentos românticos, afetivos e/ou sexuais que envolvem mais do que duas pessoas, e nos quais todas as pessoas envolvidas estão conscientes e de acordo com os aspetos não-monogâmicos do

relacionamento (Matsick et al., 2014). No entanto, não é fácil definir de forma abrangente e precisa este conceito, uma vez que as configurações dos relacionamentos não-monogâmicos variam entre as diversas formas de não-monogâmias consensuais (Matsick et al., 2014). Atualmente, algumas das formas de não-monogâmias consensuais são o *swing*, o poliamor, os relacionamentos abertos, os relacionamentos *monogamish* e a anarquia relacional (Hamilton et al., 2021). No presente estudo focar-nos-emos no *swing*.

### *Swing*

O *swing* é uma prática onde pessoas numa relação heterossexual estável, usualmente casadas, se envolvem em relações sexuais extraconjugais de forma consensual, preservando a exclusividade romântica (Frank, 2013). Apesar do *swing* ser tipicamente conhecido como troca de casais, as práticas sexuais podem acontecer com outros casais, *swingers*, ou com pessoas solteiras que sejam adeptas da prática, designadas como *singles* (Silvério, 2014a).

O universo *swinger* pode incluir contextos direcionados e organizados para a prática como clubes de *swing*, convenções sobre *swing*, festas privadas, eventos ou férias para *swingers*, e ainda, ambientes alternativos onde a prática acontece, mas não de forma exclusiva, designadamente saunas e bares liberais (Serina et al., 2013; Silvério, 2014b). A comunidade *swinger* estende-se ainda ao plano digital, existindo páginas *on-line* dedicadas ao *swing*. Estas são de fácil acesso, requerem frequentemente uma inscrição, e facilitam às pessoas adeptas da prática uma forma de comunicarem sem custos e sem limitações geográficas, através de mensagens, *e-mails* ou programas de chat dentro das páginas (Serina et al., 2013). Garantem ainda que a comunicação entre as pessoas registadas, assim como a divulgação de eventos/festas privadas ou em clubes, aconteçam de forma discreta e restrita na página (Serina et al., 2013). Assim, as pessoas podem decidir se o uso das páginas se limita ao contexto *on-line*, explorando a prática na privacidade das suas casas, ou se querem conhecer outras pessoas praticantes de *swing* presencialmente, de forma e em locais em que se sintam mais à vontade e menos estigmatizados (Serina et al., 2013).

O *swing* orienta-se pelo lema “onde tudo é permitido e nada é obrigatório” (Silvério, 2014a) e para a prática de *swing* os casais podem estabelecer um acordo e definir algumas regras, como por exemplo apenas ter relações sexuais com outros casais, as atividades

sexuais acontecerem com ambos os elementos do casal no mesmo quarto, ou poderem fazê-lo separadamente (Wolkomir, 2020). Além destas, as pessoas praticantes de *swing*, *singles* ou *swingers*, podem estabelecer limites a título individual, nomeadamente terem relações sempre com pessoas diferentes, não praticar sexo anal, entre outras (Vaynman & Harviainen, 2023). No entanto, estas regras/limites não são estáticas e podem ir-se alterando ao longo do tempo (Vaynman & Harviainen, 2023; Wolkomir, 2020), mas destaca-se que independentemente das regras que as pessoas praticantes de *swing* possam definir a título individual ou em casal, a regra principal e comum do *swing* é “não é não” (Kimberly, 2016).

Assim, as razões que motivam a prática de *swing* estas são múltiplas. Vários estudam apontam a variedade de experiências e de parceiros/as sexuais que a prática proporciona como o motivo mais indicado para a entrada no *swing* (Bergstrand & Sinski, 2010; Jenks, 1998; Silvério, 2014b). Além disso, Jenks (1998) acrescenta, ainda, a procura pelo prazer e excitação, a possibilidade de conhecer pessoas novas e o voyeurismo como outras razões para a prática de *swing*.

Segundo Henshel (1973) o processo de iniciação ao *swing* acontece geralmente através do marido. Usualmente este é primeiro a tomar conhecimento do *swing*, a sugerir a iniciação na prática e o responsável pela tomada de decisão final de iniciação. Em menor proporção também podem ser as esposas a iniciar este processo. A autora refere ainda que este processo é faseado, existindo lapsos de tempo entre a descoberta inicial do *swing*, o momento em que se considera a entrada na prática, a tomada de decisão final e a iniciação efetivamente na prática.

Portanto, o *swing* abrange uma ampla variedade de práticas sexuais que podem ser incluídas nas “*soft swaps*” ou nas “*hard swaps*”. As “*soft swaps*” referem-se a todo o tipo de interações sexuais extraconjugais que possam acontecer, desde beijos a sexo oral, excluindo a penetração que apenas acontece em casal. No caso das “*hard swaps*”, a penetração deixa de ser reservada ao casal, podendo acontecer entre qualquer elemento do mesmo e uma ou mais pessoas (Bergstrand & Sinski, 2010). Dentro da diversidade de práticas sexuais existentes no *swing* Silvério (2014a) destaca o exibicionismo, o voyeurismo, o *ménage à trois* e o sexo grupal. O primeiro refere-se a quando as pessoas retiram prazer ao serem observadas enquanto mantêm relações sexuais; o voyeurismo, é exatamente o oposto, correspondendo a sentir prazer em assistir outras pessoas a ter relações sexuais; e o *ménage à trois* é a prática sexual entre três pessoas (Silvério, 2014a).

No entanto, nenhuma destas é exclusiva do universo *swinger* podendo ocorrer noutros contextos (Silvério, 2014a).

Destarte, vários estudos destacam que as consequências negativas que o *swing* acarreta são menores do que os benefícios, quer ao nível da relação quer ao nível individual (Bergstrand & Sinski, 2010; Jenks, 1998; Silvério, 2014b; von der Weid, 2010). Assim, os benefícios mais apontados da prática do *swing* são que esta, não só fortalece o casamento, como também, aumenta a perceção acerca da qualidade do mesmo; aproxima o casal a nível emocional e sexual; melhora a vida sexual e aumenta a cumplicidade, a intimidade e o desejo pelo par; e, ainda, favorece uma comunicação mais aberta e honesta (Bergstrand & Sinski, 2010; Jenks, 1998; von der Weid, 2010). No entanto, Silvério (2014a) destaca que apesar de existirem benefícios para a relação, o *swing* não é responsável pela satisfação conjugal, visto que os seus participantes referiram ter uma relação positiva e estável antes da iniciação no *swing*. Os mesmos salientam que o *swing* é aconselhável apenas a casais que possuam uma relação estável, forte e satisfatória e não como uma tentativa de “salvar o casamento” (Silvério, 2014a, p. 124). Ao nível individual, Silvério (2014b) refere que as mulheres são as que mais indicam mudanças devido ao *swing*, nomeadamente, a apropriação da sua própria sexualidade o que se reflete na sua autonomia, autoidentidade e maneira de estar no mundo.

A par dos benefícios, o *swing* apresenta também alguns problemas. Jenks (1998), na sua revisão de literatura, destaca como problemas o medo de contrair uma infeção sexualmente transmissível; a dificuldade em encontrar pessoas com as quais o casal tenha um interesse mútuo em realizar a troca de casais; os ciúmes; a ansiedade causada quer pela preocupação com a performance sexual, quer pela preocupação de não serem consideradas pessoas atraentes pelas restantes pessoas da prática; medo da exposição, e ainda, a quantidade de tempo que a prática ocupa nas suas vidas.

Posto isto, e considerando o que foi apresentado previamente, é perceptível que o *swing* rompe com o modelo do casal monogâmico (Wolkomir, 2020). Não obstante, isto não acontece na totalidade, visto que os casais *swingers* consideram-se romanticamente monogâmicos e sexualmente não monogâmicos, havendo uma separação entre sexo e amor (Silvério, 2014a). Tendo em conta essa separação, a perspetiva que os casais *swingers* têm sobre a fidelidade é diferente dos restantes casais monogâmicos e não-monogâmicos. No seu caso concreto, a fidelidade é demarcada pelo compromisso e intimidade emocional havendo uma renúncia da fidelidade sexual (Wolkomir, 2020).

Portanto, a infidelidade para os casais praticantes de *swing* está relacionada com o desenvolvimento de sentimentos por outrem, a quebra do acordo de confiança, consentimento e abertura comunicacional (Silvério, 2014b).

Estreitamente relacionado com a infidelidade está sentimento de ciúme que segundo O'Neill and O'Neill (1972) é uma resposta aprendida culturalmente e uma consequência das dependências e inseguranças individuais geradas pelos sentimentos de posse e exclusividade que advêm do modelo monogâmico. Assim, geralmente, no *swing* o ciúme é visto como prejudicial para as suas dinâmicas e para a relação (Silvério, 2014b). No entanto, Silvério (2014b) considera que os casais *swingers* têm a capacidade de transformar sentimentos negativos, como a insegurança e o receio, em fonte de prazer e excitação, adaptando os seus sentimentos ao contexto em que estão inseridos.

Além de romper com o modelo monogâmico o *swing* desafia igualmente os papéis tradicionais de género, sobretudo a nível sexual, contudo, o impacto deste depende de como as pessoas adeptas deste estilo de vida concetualizam e praticam o *swing* (Wolkomir, 2020). Neste sentido, casais que se envolvem maioritariamente ou apenas em “*soft swaps*” tendem a manter os ideais e práticas das relações heterossexuais hegemónicas, uma vez que nestas trocas os homens mantêm o seu estatuto de agente sexual, sendo o único homem que tem relações sexuais com penetração com a sua parceira, e as mulheres muitas vezes continuam a atuar como objetos estimulantes, como por exemplo, quando se envolvem com uma mulher para satisfação do parceiro. Já os casais que pratiquem “*hard swaps*” conseguem desconstruir em parte os papéis e dinâmicas tradicionais de género, pois através da livre escolha da pessoa com quem têm relações sexuais extraconjugais, as mulheres deixam de ser um objeto sexual passivo suscetível de ser possuído e começam a ser, tal como os homens, agentes sexuais (Wolkomir, 2020). Segundo Silvério (2014b) a preponderância desta perspetiva tradicional dos papéis de género condiciona as experiências das pessoas praticantes de *swing* também a um outro nível, atuando como um fator proibitivo em determinados momentos. Numa prática onde o lema internacional é “onde tudo é permitido e nada é obrigatório” as práticas sexuais entre homens apesar de não serem proibidas, são subentendidamente menos bem aceites em relação às práticas sexuais entre mulheres, sendo apenas explorada “às escondidas e com pessoas de confiança” (Silvério, 2014a, p. 132). As práticas sexuais entre mulheres no *swing* estão aparentemente associadas ao desejo e à experiência sexual e não à orientação sexual, não representando uma ameaça à

heterossexualidade feminina ou à feminilidade. No caso dos homens existe uma correlação entre sexo, género, desejo e experiência o que consequentemente resulta numa única possibilidade - a orientação homossexual (Silvério, 2014b).

Exatamente pelo *swing* desafiar quer o modelo de relação monogâmico quer os papéis tradicionais de género instituídos como normas sociais, a prática é percebida como uma atividade desviante e as pessoas envolvidas na prática são consideradas moralmente desviantes e, consequentemente, estigmatizadas (Jenks, 1998; Serina et al., 2013). Por esta razão muitas pessoas adeptas da prática sentem-se desconfortáveis em conversar ou partilhar esta parte da sua vida por receio das repercussões negativas que possam vir a ter se esta for divulgada (Jenks, 1998). Assim, procuram manter este estilo de vida em segredo e não o partilham com a família, amigos ou colegas de trabalho (Serina et al., 2013).

## Metodologia

### Objetivos de investigação

O presente trabalho pretende responder à questão de investigação “De que forma o *swing* influencia o processo de desconstrução e ressignificação dos papéis tradicionais de género em pessoas socializadas como mulheres e adeptas da prática?”.

Para tal, definiram-se como objetivos compreender o processo de introdução ao meio, conhecer o acordo e respetiva negociação das regras estabelecidas entre o casal, identificar mudanças na sexualidade e na relação conjugal após a entrada no *swing* e explorar o reconhecimento de estigma relativamente a este modelo de relações não-monogâmicas consensuais.

### Participantes

O processo de recrutamento realizou-se em dois formatos, primeiramente, no formato digital, através da divulgação *on-line* do estudo em duas páginas da comunidade *swinger* portuguesa (Anexo 1), do qual resultou o recrutamento de uma participante. Num segundo momento, considerando as dificuldades de recrutamento no formato digital, avançou-se para o formato presencial, realizando-se uma deslocação da investigadora a um clube de *swing* localizado na zona do grande Porto, obtendo-se as restantes três participantes.

O recrutamento tinha apenas como critérios: (1) ser mulher, (2) ter mais de 18 anos e (3) ser praticante de *swing*, como *swinger* ou *single*. O primeiro critério surge no seguimento da literatura sobre *swing* identificar um viés relativamente ao género, visto que existem mais homens a responder aos estudos (Rubin, 2001) e, ainda, uma dinâmica de poder associada aos papéis tradicionais de género, que desfavorece as mulheres e valoriza os homens (Wolkomir, 2020). O segundo critério procurava garantir a maioria, tendo em conta que o estudo pretende explorar experiências de vida relacionadas com os relacionamentos românticos e sexuais. O terceiro e último critério tinha o intuito de alargar a participação a todas as modalidades da prática nas quais as mulheres se pudessem inserir, uma vez que apesar das pessoas *single* integrarem a prática, a investigação sobre *swing* tem-se limitado aos casais (Jenks, 1998).

Assim, o processo de recrutamento concluiu-se com uma amostra de quatro participantes, uma vez que foi difícil conseguir participantes devido à relutância das praticantes de *swing* em participar na investigação consequência do secretismo e medo de exposição deste seu estilo de vida (Wilt et al., 2018). Por conseguinte, o estudo tem como limitação o facto de a amostra ter sido obtida por conveniência e não ser representativa.

Posto isto, as participantes do estudo são mulheres que se identificam com o modelo relacional não-monogâmico, em concreto o *swing*. Estas têm idades compreendidas entre os 37 e 51 anos, três são *swingers* e uma é *single*. A Tabela 1 sistematiza a sua caracterização.

**Tabela 1:** Dados sociodemográficos dos participantes

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>IDADE</b>	<b>IDENTIDADE DE GÉNERO</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>MODALIDADE SWING</b>
<b>P1</b>	37	Mulher	Casada	<i>Swinger</i>
<b>P2</b>	51	Mulher	Casada	<i>Swinger</i>
<b>P3</b>	45	Mulher	Casada	<i>Swinger</i>
<b>P4</b>	48	Mulher	Divorciada	<i>Single</i>

### **Procedimento de recolha de dados**

Para o procedimento de recolha de dados, a metodologia qualitativa revelou ser a mais adequada, considerando que as temáticas abordam experiências pessoais e relacionais de complexidade subjetiva. Além disso, a investigação qualitativa permite uma análise de palavras e dos seus significados, valorizando também a subjetividade da investigadora no processo de pesquisa (Braun & Clark, 2013).

Assim, tendo em conta a questão de investigação e os objetivos do estudo, o método de recolha de dados utilizado foi a entrevista, mais concretamente a entrevista semiestruturada. Este revelou ser o método mais apropriado uma vez que garante um raciocínio orientador e, simultaneamente, uma flexibilidade para explorar as temáticas pretendidas e enriquecer os dados (Braun & Clarke, 2006). Desta forma, o guião de entrevista construído pode encontrar-se no Anexo 2.

Antes da realização das entrevistas foi disponibilizada uma declaração de consentimento informado (Anexo 3) com as informações sobre a investigação, nomeadamente os objetivos da mesma e o âmbito da participação, assegurando-se a confidencialidade e o anonimato dos dados recolhidos na entrevista.

De forma a ajustar o método de realização das entrevistas às necessidades das participantes, estas ocorreram por escrito, através da plataforma Skype, por videochamada pela plataforma *Whatsapp*, ou por chamada telefónica. Posto isto, destaca-se que uma das limitações do estudo se prende com a dificuldade em uniformizar o método pelo qual as entrevistas foram realizadas, o que poderá ter influenciado os dados obtidos.

### **Procedimento de Análise de dados**

Após a realização das entrevistas, e com o intuito de proteger a identidade das participantes, estas foram codificadas com base na idade e modalidade em que a participante pratica *swing*, seguindo o exemplo “P26Single”, onde o “P” se refere a participante, o “26” à idade e o “Single” à modalidade em que a participante se integra na prática.

Destarte, os dados foram analisados através da utilização da análise temática segundo as propostas de Braun and Clarke (2006), e seguindo uma perspetiva feminista e interseccional. O processo de análise passou por seis fases, implicando uma flutuação entre fases até à redação do relatório final.

Assim, a primeira etapa de familiarização com os dados consistiu na transcrição, leitura e releitura das entrevistas, pretendendo-se um profundo conhecimento do conteúdo das mesmas. De seguida, na fase de produção de códigos iniciais, criaram-se os primeiros códigos que identificassem uma característica semântica ou latente nos dados. Após a codificação inicial dos dados, deu-se início à fase de pesquisa de temas, que pretende encontrar temas presentes nos dados e agrupá-los segundo uma temática em que se integrem. Na fase de revisão de temas, alguns temas foram ajustados, agrupados ou eliminados com o objetivo de aperfeiçoar os temas que surgiram na fase anterior. A quinta fase, definição e nomeação de temas, procura refinar os temas já revistos, nomeando-os com base no conteúdo que estes abordam. Por fim, a produção do relatório, estrutura a análise temática numa redação escrita dos resultados, utilizando-se excertos significativos para uma melhor representação dos testemunhos presentes nos dados recolhidos.

## Análise e Discussão dos Resultados

No capítulo a seguir serão apresentados e discutidos os resultados da análise temática. Do processo de análise emergiram quatro temas, nomeadamente: 1) *Processo de iniciação*, 2) *Estar no meio*, 3) *Mudanças* e 4) *Estigma*. Cada um deles irá subdividir-se em subtemas, conforme ilustrado na Figura 1.

Durante o processo de análise e considerando os temas apresentados, foi possível identificar como organizador central os papéis de género, através do qual serão estabelecidas as relações temáticas pelo processo de análise no decorrer do presente capítulo (Braun & Clark, 2013).



**Figura 1:** Mapa temático

### 1) Processo de iniciação

Este primeiro tema surgiu no seguimento da descrição das participantes do seu processo de introdução ao contexto do *swing*. Os discursos identificavam fatores relacionados com a logística assim como com as emoções e preocupações que se foram levantando durante esse processo, o que levou à emergência de dois subtemas: *Adesão* e *Reações*.

### *Adesão*

Este subtema pretende integrar os aspetos logísticos identificados nos discursos das participantes durante o processo de iniciação ao *swing*, que segundo Henshel (1973) ocorre por fases.

A primeira fase diz respeito à tomada de conhecimento do *swing*, e a literatura aponta o marido como o responsável pela introdução da ideia de *swing* à esposa (Bergstrand & Sinski, 2010; Wilt et al., 2018). No caso das participantes, verificou-se que a maioria ouviu falar sobre o *swing* a primeira vez através do marido, no entanto uma das participantes *swinger* propôs a prática a um antigo namorado, e mais tarde voltou a ter a iniciativa com o atual marido. Além disso, a participante *single* declarou ter ouvido falar do tema através de uma amiga que trabalhava num clube de *swing*.

De seguida, o processo passou por refletirem acerca dos motivos para a entrada no meio, destacando-se a vontade em experimentar e a possibilidade de diversificar as experiências sexuais, o que corresponde à principal razão apontada na literatura para entrar no *swing* (Bergstrand & Sinski, 2010; Jenks, 1998; Silvério, 2014b). Além deste, foram apontadas a curiosidade, e, ainda, satisfazer a vontade do marido como motivações para se introduzirem na prática.

Uma última etapa antes da tomada de decisão foi a realização de uma pesquisa *on-line* acerca do *swing*. A internet apresenta a vantagem de as pessoas poderem aprender acerca deste meio na privacidade e conforto das suas casas (Jenks, 1998), portanto o contacto *on-line* com a comunidade *swinger*, surgiu para a maioria das participantes como um recurso de esclarecimento de dúvidas acerca do meio e de como este funciona. Porém, uma participante *swinger* referiu que as conversas e trocas de experiências que fez *on-line* não se limitaram ao esclarecimento de dúvidas e chegou a encontrar-se presencialmente com casais que tinha contactado *on-line*, iniciando desta forma os contactos presenciais. As restantes participantes, introduziram-se presencialmente no meio através de clubes de *swing*.

Portanto, considerando que as mulheres são socializadas para valorizarem as relações monogâmicas, não procurando ativamente por outros modelos relacionais, e para agradar e satisfazer as vontades do marido, podemos atestar que o processo de adesão ao

*swing* das participantes demonstra como, por um lado, existe um reforçar dos papéis tradicionais de género (Vaillancourt & Few-Demo, 2014). Este verifica-se pela forma através da qual a maioria das participantes tomaram conhecimento do *swing* e por uma das razões para entrada no meio ter sido “satisfazer a vontade do marido”. Por outro lado, esses mesmos papéis tradicionais de género são desconstruídos, pelo facto de todas serem praticantes de *swing* e de uma das participantes ter tido a iniciativa de apresentar o *swing* aos parceiros, dando a entender que este processo de desconstrução e ressignificação dos papéis tradicionais de género iniciou antes da entrada no *swing*.

### *Reações*

Concomitantemente ao processo logístico sobre o qual nos debruçámos, surgiram reações emocionais, receios e dificuldades que as participantes também mencionaram.

No que diz respeito à primeira vez que ouviram falar de *swing*, as reações dividiram-se entre sentir curiosidade, entusiasmo e vontade de experimentar, e sentir dúvida e rejeitar a ideia, sendo que as participantes que rejeitaram a ideia inicialmente, sentiram maior dificuldade na entrada no *swing*.

*“Fiquei muito escandalizada (risos), sou sincera, quando ele me perguntou. Porque lá está, não tinha conhecimento absolutamente de nada...E à primeira impressão fiquei assim com aquelas dúvidas existenciais de casais, “mas porquê? Porque é que necessita? Porque isto, porque aquilo?”. Foi... Se calhar é essa a palavra mais apropriada, escandalizada (risos).” (P51Swinger)*

*“Não tinha assunto! Achava que não tinha jeito nenhum, não tinha assunto... Não era para estar com outras pessoas. (...) É... é complicado, porque uma pessoa estava habituada a duas pessoas e princípios em que... não se sai daquele meio, não é?” (P48Swinger)*

Além disto, destacam-se os receios e emoções sentidas nos primeiros contactos presenciais, num clube de *swing*:

*“Essa parte foi daquelas que eu ao entrar só dizia “Aí meu deus, onde é que nos fomos meter?” (P48Swinger)*

*“Olhei a noite toda para a porta, para ver se entrava alguém conhecido (risos)” (P51Swinger)*

*“Essa primeira vez eu disse assim ‘Aí isto não serve para mim, eu não venho mais aqui, porque isto é muita confusão’; porque eu entrei num quarto e vi... para aí umas quatro mulheres com uns quatro homens todos, assim todos... não é? Fazerem brincadeiras, e tudo isso... e aquilo fez-me uma certa confusão, não lhe vou dizer que não.” (P48Single)*

Os receios que as participantes mencionaram relacionavam-se com as incertezas em relação ao que iriam encontrar, a possibilidade de encontrar alguém que conhecessem, sobretudo pessoas do local de trabalho. No que diz respeito às emoções as participantes referem ter sentido nervosismo, ansiedade, medo, constrangimento, curiosidade e muita vontade de experimentar.

Posto isto, é possível analisar de que forma a socialização das mulheres se reflete nas reações apresentadas. Deste modo, as mulheres aprendem que os relacionamentos, e o casamento em particular, são conquistas importantes na vida e que a sua realização pessoal depende do sucesso destes (Ziegler et al., 2014), logo quando o *swing* lhes é apresentado a primeira reação é rejeitar a ideia e questionarem-se acerca do sucesso e bem-estar da sua relação. Todavia, a participante que apresentou o tema ao atual marido não referiu sentimentos negativos, apenas sentiu entusiasmo e curiosidade, espelhando uma desconstrução e ressignificação das aprendizagens supramencionadas.

Além disso, as mulheres aprendem que devem viver a sexualidade de forma controlada e recatada dentro da relação monogâmica, portanto a eventualidade de se envolverem sexualmente com outras pessoas, a incerteza do que iriam encontrar no clube e o depararem-se com dinâmicas sexuais diferentes e explícitas despertou sentimentos de medo, ansiedade e constrangimento.

Por último, a possibilidade de encontrarem pessoas conhecidas despertou o receio deste seu estilo de vida deixar de ser um segredo e, por conseguinte, de um julgamento, frequentemente mais negativo em relação às mulheres, por estarem a quebrar com a exclusividade sexual socialmente esperada (Reiss, 1964).

## **2) Estar no meio**

O segundo tema surge de forma a integrar vários assuntos relacionados com a prática de *swing* encontrados nos relatos das participantes. Entre estes estão o estabelecimento de limites, desafios e fatores positivos na prática e ainda a variedade de envolvimento

possíveis no *swing*. De seguida, iremos aprofundar os subtemas *Fronteiras*, *Motivações* e *Diversidade*.

### *Fronteiras*

Ao longo do discurso das participantes estas foram referindo a necessidade de estabelecer regras dentro do casal ou individualmente e, ainda, alguns desafios que foram encontrando no *swing*. Assim, o subtema surgiu para compilar as fronteiras criadas para facilitar a prática e ao mesmo tempo aquelas que a dificultam.

Os acordos implicam uma negociação dentro dos casais de forma a chegarem a um consenso. Assim, apesar de todas as participantes referirem que existe um acordo entre o casal, todos eles são diferentes, tal como se pode ver nos exemplos que se seguem.

*“nunca tivemos ou se impôs regras apenas teria de ser bom para ambos e ambos estarmos de acordo com os casais. Ou com os membros dos casais.” (P37Swinger)*

*“Sempre juntos. Porque não me entra na cabeça, eu estar aqui e ir para acolá com uma pessoa, ou ele, e ficar um de nós ali sozinho na sala... especado, não! Isso não dá para perceber, não dá para encaixar. Ou estamos os dois ou não vai nenhum.” (P45Swinger)*

*“Inicialmente, pronto, não haver a troca, mesmo que entretanto, pronto, alguém abordasse. O uso do preservativo sempre. Isso é regra. Não tem... mesmo ao fim deste tempo todo, com muita ou pouca ação é obrigatório... e estarmos juntos. Inicialmente, pronto, estarmos no mesmo espaço.” (P51Swinger)*

Posto isto, os acordos incluíam regras como o uso de preservativo, o casal estar no mesmo espaço durante as interações sexuais com outros casais ou *singles* e, comum a todas as participantes *swingers*, que ambos os membros do casal estivessem de acordo com as pessoas com quem se envolviam.

Os acordos estabelecidos entre os casais não são estáticos, podendo sofrer alterações com o tempo para melhor satisfazer o casal (Vaynman & Harviainen, 2023). Destarte, a partir dos discursos das participantes foi possível verificar que a flexibilidade dos acordos não era igual entre todas, no sentido em que algumas participantes mantinham o mesmo acordo sem alterações desde o início da prática, enquanto outras não. Deste modo, a participante do último excerto refere que quando se introduziu no *swing*, o estabelecido com o seu marido era não se envolverem com ninguém, com o

tempo essa regra alterou-se e começou a ser possível a troca entre casais, mas não com *singles*, e juntos no mesmo espaço. Atualmente, mantém-se apenas a troca entre casais podendo acontecer sem que o casal esteja no mesmo espaço, passando a haver uma partilha do que é vivenciado individualmente.

*“conversamos se tivermos empatia, eu tenho confiança total, eu não tenho problema do meu marido sair e ir para um quarto com uma mulher (...) tem é de ser tudo, tudo conversado, desde que seja tudo conversado e que depois haja partilha daquilo que aconteceu, com sinceridade, não há problema nenhum.” (P51Swinger)*

A título individual as participantes *swingers* não mencionaram mais nenhuma regra, no entanto a participante *single* referiu que desde que iniciou a sua prática no *swing* tem estabelecido não se envolver com casais, e a utilização de preservativo.

*“Mas quando chega... a estar com outros casais... aquilo está parado (risos)... Faz-me uma certa confusão.” (P48Single)*

Durante o processo de análise e uma vez que as participantes *swingers* não referiram regras individuais, surgiram as seguintes questões: terá sido um lapso não terem referido estas regras ou estas não existem? E se não existirem é porque houve uma reflexão sobre a sua necessidade e concluíram que estas estão salvaguardadas pelo acordo do casal ou terá sido porque apenas consideraram as regras necessárias para proteger a relação? Se for este último o caso, até que ponto os papéis tradicionais de género estão a ser desconstruídos se as mulheres continuam a subjugar-se aos desejos do marido e a priorizar o compromisso, através do qual a sociedade vai avaliar o seu sucesso individual? No entanto, o facto de as mulheres terem poder não só na definição das regras entre o casal como também na decisão acerca das pessoas com as quais se envolvem sexualmente, faz com que as dinâmicas de poder associadas aos papéis tradicionais de género se quebrem dentro dos casais visto que as mulheres deixam de ter o papel passivo tradicional e assumem uma agência sobre a sua sexualidade (Wolkomir, 2020).

Para terminar, verificou-se que a regra cultural do *swing* “não é não” (Kimberly, 2016), tem a mesma importância do que qualquer outra regra que as participantes tenham definido.

*“Se eu não gosto de alguma coisa que se está a passar, eu falo. Eu não quero ou eu não gosto. E aquela pessoa recua. Não faças assim ou não faças assado que eu não gosto. Isso é certinho. E até agora nunca tivemos problemas com isso. Respeitam sempre, por acaso respeitam sempre, nunca tivemos assim problemas com isso.” (P45Swinger)*

*“se calhar ainda somos mais respeitados do que propriamente numa discoteca dita normal, certo? Podemos estar mais à vontade, e se alguém nos abordar, as pessoas vão respeitar se dissermos que não.” (P48Single)*

Esta regra cultural do *swing* dá às mulheres o poder e a liberdade de poderem estabelecer os seus limites enquanto se encontram na prática, e verem-nos ser respeitados sem terem de se subjugar à vontade de ninguém, equilibrando dessa forma a dinâmica de poder estabelecida pelos papéis tradicionais de género (Wolkomir, 2020).

Seguindo para os desafios que as participantes encontraram na prática, alguns foram desafios individuais e outros surgem na interação com outros casais. Desta forma, as participantes relataram terem sentido, inicialmente, alguma inibição, desconforto, e demasiada autoconsciência nos primeiros contactos sexuais que, entretanto, desvaneceram.

*“a minha primeira vez foi... pensar demasiado, como é que eu hei de explicar. (...) era um pouco estranho e até a essa fase de nos despirmos... vestia, despia (risos).” (P51Swinger)*

Estes sentimentos são consequência, tal como as reações analisadas anteriormente, da socialização da mulher e de como esta dita a forma da mulher viver a sua sexualidade. Assim, a capacidade de as participantes dissiparem estes sentimentos e continuarem na prática demonstra uma desconstrução dos papéis tradicionais de género.

Nas interações com outros casais, as participantes apontaram vários desafios, um deles foi o facto de os casais trazerem problemas pessoais para a prática, ou introduzirem-se no *swing* com o intuito de resolver problemas conjugais.

*“um casal que está mal resolvido não pode ir para o swing a pensar que “não, eu vou para o swing que assim salvo o meu casamento”. Acho que isso é uma... é uma falsa questão, isso não melhora, acaba mais rápido. Porque a pessoa não está preparada para meter de lado, os sentimentos que tem, não é? E se... se está numa relação em que há desconfiança, para ali... não consegue, vai continuar a ter esse sentimento de desconfiança, portanto, enterra ainda mais o casamento.” (P51Swinger)*

O parecer do excerto de que o *swing* não resolve os problemas conjugais foi transmitido por várias participantes *swingers*, referindo que quando encontram casais nessas circunstâncias estes prejudicam o ambiente em que se encontram e, por vezes, os

casamentos chegam a terminar. Assim, reforça-se que o *swing* não é responsável pela satisfação do casal (Silvério, 2014a).

Um segundo desafio relaciona-se com a necessidade de manter privado o que acontece em determinada envolvimento entre casais e/ou *singles*.

*“O que acontece entre mim e o outro casal não tem de ser divulgado ao outro. Acho que devia haver... acho que os casais deviam ser mais reservados nesse aspeto, para preservar cada individuo.” (P51Swinger)*

A participante que referiu este desafio demonstrou-se descontente com a partilha com terceiros de momentos vividos entre dois casais, considerando que havia um desrespeito pela privacidade individual, dando a entender que as partilhas poderiam ter um tom negativo. Logo apesar do lema do *swing* ser “onde tudo acontece e nada é obrigatório” sugerindo ser um universo liberal e respeitador, parece haver um julgamento que ficou por explorar, e se este estará ou não influenciado pelos papéis tradicionais de género.

Por último, as participantes apontaram o ciúme como um desafio indireto. Isto é, as participantes sofrem indiretamente as consequências do ciúme que outros casais sentem, nomeadamente os maridos, como se pode perceber nos seguintes excertos:

*“O pior é que os homens ciumentos gostam de fazer sexo por exemplo comigo, mas depois ficam ciumentos por o (marido) ter sexo com as mulheres deles.” (P37Swinger)*

*“Há casais em que o homem acha que permite, que pode fazer tudo, mas a esposa já não pode fazer. E nós vamos apercebendo. E é assim, se ela não pode então nós também não deixamos que ele faça, que é mesmo assim. Ela não pode tocar no meu marido, então ele também não me vai tocar a mim. Acaba por ser assim... Ou estamos bem todos os quatro e se permite os quatro, ou então se é só para dois, não vale a pena.” (P51Swinger)*

O ciúme é uma resposta condicionada pelos sentimentos de posse e exclusividade difundidos pelo modelo monogâmico (O’Neill & O’Neill, 1972) e heteronormativo que estabelecem uma relação de poder do homem sobre a mulher (Ward et al., 2022). O facto de estar presente no *swing* ao ponto de os maridos controlarem com quem as esposas podem ou não se envolver sexualmente, enquanto os próprios têm total liberdade, demonstra como no *swing*, apesar de este desafiar a monogamia, ainda se perpetuam os papéis tradicionais de género. No entanto, a tentativa de criar igualdade nos envolvimento sexuais, tal como foi exemplificado no último excerto, indica como ao mesmo tempo existe uma desconstrução dos modelos hétero e mononormativos e uma

tentativa de diminuir as desigualdades nas dinâmicas de poder que prejudicam as mulheres.

Já como um desafio direto, as participantes não consideram o ciúme um problema para si ou para a sua relação pois, mesmo que este exista, a comunicação entre o casal permite ultrapassá-lo sem que este afete a relação ou a prática.

*“Entre nós não, até porque mantemos uma relação baseada e fundamentada na verdade e na confiança, mantemos uma relação aberta e saudável. Daí não haver ciúmes nem ser um desafio para nós.” (P37Swinger)*

*“se não estivesse alguma coisa bem eu não consigo estar calada e eu falo... e as coisas resolviam-se. Agora se calhar se um de nós deixava ficar e andávamos ali com... mau ambiente se calhar a coisa ia correr mal, mas nunca aconteceu isso.” (P45Swinger)*

*“passamos por aquela fase do ciúme, porque existe, não o ciúme doentio, mas aquele ciúme, pronto... de a pessoa estar a tocar, mas depois também temos de interiorizar que eles estão a tocar, mas nós também estamos a ser tocados, portanto... (...) Depois vamo-nos adaptando, vamo-nos conhecendo, vamos falando. Todo o acontecimento que é feito, depois nós em casal falamos sobre o que é que gostamos, o que é que não gostamos e isso vai-nos dando sempre uma margem para podermos evoluir para depois irmos experimentando outras situações.” (P51Swinger)*

Todavia, destaco que numa conversa informal durante a fase de recrutamento, uma das participantes referiu ser ciumenta fora do universo *swinger*, não deixando que ninguém neste contexto o soubesse, mas durante a entrevista não fez esta referência. Assim, ficou por compreender se este sentimento existe durante a prática de *swing* e é transformado em excitação e prazer consoante o contexto (Silvério, 2014b) ou se o ciúme condiciona a sua vivência de alguma forma.

Portanto, as participantes não se deixarem controlar por este sentimento, ainda que o sintam, representa uma vez mais o processo de desconstrução dos modelos hétero e mononormativo. Contudo, o facto de nem todas as participantes interpretarem o ciúme da mesma forma pode significar nem todas estão na mesma fase desse processo de desconstrução.

### *Motivações*

O presente subtema emergiu de forma natural, uma vez que ao longo dos seus discursos as participantes foram enumerando aspetos com os quais se sentem bem e que gostam no *swing*, integrando assim as motivações para continuarem na prática.

*“O swing é o nosso escape. O nosso porto. É onde nos libertamos do stress.” (P37Swinger)*

*“Aquilo dá-me uma certa adrenalina, que eu nunca pensei que viria a ter esta... que gostasse de frequentar, entende? Nunca pensei que... que gostasse de... de estar ali, que me sentisse tão à vontade, como me sinto agora” (P48Single)*

*“Mas para mim, eu gosto daquela parte de nós estarmos a dançar, de estarmos com as outras sedutoras, acaba por criar um ambiente diferente e... pronto, e gosto de ver e ser vista. E mesmo que não haja interação com outro casal esta parte enriquece.” (P51Swinger)*

*“Agora eu é aquela coisa, como eu vou porque ele gosta, e eu faço porque ele também... não é que eu, também não me saiba bem, não é” (P45Swinger)*

Além de se manterem as motivações que estimularam a entrada no *swing*, como a possibilidade de diversificar as experiências sexuais ou satisfazer a vontade do marido, as participantes referiram ainda gostarem do ambiente e envolvimento que o contexto *swinger* proporciona, da adrenalina que traz, do facto de ser uma forma de espairecer e de terem criado amizades no meio.

Deste modo, a continuação na prática por parte das participantes, o apresentarem motivações positivas, relacionadas com os seus gostos, e a forma como se sentem no *swing* demonstra como, os papéis tradicionais de género são desafiados, mesmo que em fases diferentes para cada participante. Isto porque, por um lado, estão a quebrar com a expectativa de que as mulheres apenas encontram satisfação e felicidade numa relação monogâmica, e por outro lado, estão a conquistar uma liberdade sexual tradicionalmente atribuída aos homens.

### *Diversidades*

Os discursos das participantes mencionaram uma variedade de possibilidades de envolvimentos e contextos dentro do universo *swinger*. Portanto, este último subtema surge com o intuito de enquadrar a diversidade de práticas sexuais e os contextos onde estas podem acontecer.

Na fase de recrutamento foi-me possível conhecer o espaço do clube, composto por uma pista de dança e zona de estar, bar, casas de banho binárias, balneários e quartos com diferentes especificidades. Uma zona de quartos destinava-se apenas a casais e era constituída por três quartos, dois dos quais separados por uma parede parcialmente aberta permitindo a visibilidade entre os quartos, para, por exemplo, os casais fazerem uma troca e poderem ver os/as respetivos/as parceiros/as com outra pessoa. Além destes, tinha um quarto exclusivo para casais, com uma parede em grade, através da qual *singles* podiam observar ou interagir com o casal, sendo que se este assim quisesse poderia permitir a entrada de *singles* no quarto. Tinha, também, um quarto com o tema BDSM equipado com alguns objetos direcionados à prática, e mais alguns quartos para uso livre. Todos os quartos tinham porta com chave, sendo que uma porta fechada significava que o quarto estava ocupado e os seus utilizadores desejavam privacidade, mas uma porta entreaberta enquanto o quarto estava a ser utilizado indicava que as pessoas não se importavam de ser observadas. O clube tinha, ainda, uma zona escura com uma parede com “*glory holes*<sup>1</sup>”. Todas estas zonas tinham uma cama e disponibilizavam preservativos e toalhetas. O clube tinha um ambiente com baixa luminosidade, música, e a pista de dança dispunha de um “*pole dance*” para usufruto das pessoas que frequentam o espaço, sendo que uma praticante de *swing* casada, que não foi entrevistada, partilhou comigo que tinha experimentado o strip num contexto *swinger* e, atualmente, fazia um espetáculo de strip de forma recreativa no clube porque gostava e se sentia bem. Todavia, a constituição dos clubes de *swing* pode variar, tendo em conta o espaço que cada clube tem disponível ou a sua adaptação a determinadas temáticas. Kimberly (2016), refere que na etnografia realizada numa convenção sobre *swing* concretizada num hotel nos Estados Unidos, este tinha um andar destinado às interações sexuais, havendo quartos com temáticas, nomeadamente um quarto BDSM, um quarto “*chocolate room*” destinado a interações sexuais com homens afro-americanos e um quarto disponível exclusivamente para as práticas sexuais entre homens.

Desta forma, no que toca aos contextos *swinger*, as participantes referem já ter frequentado diferentes clubes de *swing* no país, festas privadas, convenções eróticas e casas particulares de *swingers*.

---

<sup>1</sup> O termo, com a tradução “buracos da glória”, refere-se a buracos estratégicos numa parede permitindo que estejam pessoas de ambos os lados e se envolvam sexualmente desconhecendo a pessoa com quem o estão a fazer.

*“não foram festas privadas, mas foram em nossa casa (risos). Mas é diferente. Não há bebida, não há os excessos, nada. Não é daquelas situações que eu ouço que... se calhar chegas lá tiras a roupa e andas assim, não.” (P45Swinger)*

A internet é também um meio de conhecer pessoas adeptas da prática, podendo existir partilha de experiências e de conteúdo erótico, e uma eventual transição do contexto *on-line* para qualquer um dos contextos presenciais.

Destarte, considerando a variedade de espaços e o lema “onde tudo é permitido e nada é obrigatório”, as interações sexuais possíveis são múltiplas. No entanto, estas vão depender não só das regras definidas ao nível individual e do casal como também dos interesses e desejos de cada pessoa e casal. Deste modo, é depreendido do discurso das participantes que todas elas se envolvem em “*hard swaps*”, a participante *single* apenas com *singles* masculinos, uma participante *swinger* apenas com outros casais e as restantes participantes *swingers* com casais e *singles*.

*“tive vários atos sexuais, mas sempre com uma pessoa só, entende?” (P48Single)*

*“Casal, a única diferença é que eu posso ir para um sítio com outra pessoa e ele para outro sítio com outra pessoa. Não estarmos os quatro juntos, estamos dois a dois. A parte single ainda... me... ainda estou na fase de... de avaliar, de avaliação. Neste momento acho que ainda não me... não percebo... a necessidade... porque como é em singles... fica sempre um, de certa forma, a perder... Ainda não vi o que é que isso me pode acrescentar. Não quer dizer que no futuro, não é? A gente nunca pode dizer nunca, mas neste momento ainda não me... ainda não me seduziu o suficiente, digamos assim.” (P51Swinger)*

Desta forma, a prática de “*hard swaps*”, a diversidade de experiências e de parceiros sexuais desafia os papéis tradicionais de género no sentido em que a mulher deixa de ser um objeto sexual passivo suscetível de ser possuído e ganha uma agência sexual, tal como os homens (Wolkomir, 2020). Por um lado, porque a livre escolha dos parceiros sexuais deixa de condicionar a mulher às relações monogâmicas, e por outro lado, porque ganha liberdade para explorar o seu prazer. No entanto, os papéis tradicionais de género não são totalmente desconstruídos uma vez que a participante *single* apenas se envolve com parceiros masculinos e numa dinâmica monogâmica refletindo, ainda, uma manutenção da hétero e mononormatividade.

Além disso, foi possível perceber que as abordagens a outros casais/*singles* para um eventual envolvimento acontecia maioritariamente por parte do elemento masculino do casal, sendo que a participante *single* referiu também ter essa iniciativa se houvesse

alguém que lhe despertasse interesse. Todavia, ficou por explorar se, e em que circunstâncias, esta abordagem era realizada pelas participantes *swingers*.

*“Sabes que normalmente o homem está sempre na frente de ser ele a falar com outro casal. É mais frequente estar-se a falar com homens ou combinar-se encontros com o homem do casal do que com a mulher do casal. Nós por acaso não somos assim.” (P37Swinger)*

Neste sentido, as dinâmicas de poder associadas aos papéis tradicionais de género perpetuam-se nas interações extraconjugais, quando são os maridos a abordar os casais/*singles* para uma possível interação e, desta forma, as mulheres voltam ao assumir o papel expectável de passividade. No entanto, o poder de escolha das pessoas com quem se envolve e a iniciativa da participante *single* de as abordar quebra os papéis tradicionais de género nos quais os homens desempenham o papel de cortejar e conquistar as mulheres.

As participantes mencionaram, também, que as práticas sexuais não são exclusivamente heterossexuais entre as mulheres, visto que algumas das participantes referiram já se terem envolvido com outras mulheres. Contudo, não ficou claro pelos discursos das participantes se a interação sexual entre homens é comum na prática e de que forma é perspectivada.

*“Sim é uma prática algo comum. E os meninos gostam de ver duas mulheres a brincarem. (...) É uma prática que dá apetite à mulher, ou a ambas. É como se fosse um aperitivo.” (P37Swinger)*

*“Acaba também por... é bom para nós que estamos ali, mas acaba por aliciar também as outras pessoas, naquele meio... É que elas também acabam por... acabam por interagir umas com as outras.” (P45Swinger)*

Portanto, considerando que os papéis tradicionais de género determinam que as mulheres utilizem a sua aparência como método de sedução e que contribuam ativamente para a satisfação sexual do homem podemos concluir que a envolvência entre mulheres no *swing*, apesar de desafiar a heterossexualidade compulsória, reforça os papéis tradicionais de género e a heteronormatividade. Em primeiro lugar, porque as mulheres atuam como objetos sexuais estimulantes para os homens, e em segundo lugar, porque esta interação, mesmo sendo positiva para as mulheres, ainda é perspectivada como “*aperitivo*” subentendendo-se que a “verdadeira” relação sexual será a heterossexual (Wolkomir, 2020).

Por último, as participantes referiram que antes de qualquer prática sexual necessitavam de conhecer, mesmo que brevemente, as pessoas com quem se poderiam envolver.

*“Imagine, estamos no clube, estamos a dançar e de repente chega um casal e... e vamos para o quarto. Eu não sou capaz ainda dessa... por mais, por anos que já tenha... não funciona assim. Não... tenho de falar com a pessoa. Tem de existir um contacto, não quer dizer que seja a noite toda, mas antes tem de ter ali... tenho de falar; tenho de conhecer o casal para a seguir, estar... estar com eles fisicamente.” (P51Swinger)*

A socialização das mulheres ensina-lhes a que a sua sexualidade seja vivida apenas dentro das relações monogâmicas, e apesar de o *swing* quebrar o modelo monogâmico, esta necessidade que as participantes referiram demonstra como o interesse sexual das mulheres continua associado a um contexto relacional (Chivers & Timmers, 2012).

### **3) Mudanças**

O terceiro tema derivou da referência aos impactos que o *swing* teve para as participantes ao nível do casal e enquanto mulheres. Neste sentido, o tema divide-se em dois subtemas: *Casal e Mulher*.

#### *Casal*

As participantes referiram nos seus discursos a avaliação que faziam das suas relações e as mudanças no casal que foram sentindo após a entrada no *swing*.

Desta forma, todas as participantes *swingers* avaliaram as suas relações de forma positiva antes da entrada no *swing*, atestando que a resolução de problemas não tinha sido um motivo para aderirem à prática. Ainda assim, a maioria das participantes *swingers* referiram que após a entrada no *swing* as suas relações melhoraram.

*“Mudou sim é uma verdade mas mudou para melhor ficamos mais cúmplices e claro fazer sexo com o (marido) não e só sexo é amor.” (P37Swinger)*

*“fazemos a descrição do que aconteceu e não é para “ah, fizeste isto, pois e a mim não fazes” não é nesse sentido. É “ok, então, para a próxima também quero”. Pronto, vamos brincando e vendo o que cada um vai desenvolvendo e o que gostamos de trazer para nós. O facto de falarmos e*

*brincarmos com a situação no dia-a-dia... e falarmos sobre o assunto... aproxima-nos mais.”*  
(P51Swinger)

Assim, os motivos apontados pelas participantes *swingers* para esta melhoria correspondiam ao que foi encontrado na literatura (Bergstrand & Sinski, 2010; Jenks, 1998; von der Weid, 2010), nomeadamente uma maior abertura para conversarem sobre determinados temas, melhoria na comunicação, a aproximação do casal e aumento da cumplicidade. Foi, ainda, referido o desaparecimento do sentimento de cobrança.

### *Mulher*

Da mesma forma que o discurso das participantes referiu mudanças para o casal, mencionou mudanças para a mulher.

Entre estas, destacam-se uma maior abertura para experimentar coisas novas, o aumento do autoconhecimento sexual, a diminuição de complexos físicos e aumento da autoconfiança, aumento do prazer e satisfação sexual, maior realização como mulher e aumento da autoestima. Contudo, uma participante *swinger* referiu a autoestima sofrer influências quer positivas quer negativas, no entanto, não ficou esclarecida de que forma as influências eram negativas.

*“Acho que crescemos... lá está... verificamos que somos capazes de... deixamos de ser obsessivos, partilhamos, aprendemos a partilhar, aprendemos a confiar, porque é tudo uma aprendizagem... Ao confiar deixamos de sentir aquele ciúme doentio. Ciúme há sempre, desde que a pessoa goste tem de haver sempre uma pontinha de ciúme... Mas um ciúme construtivo pronto. Acho que sim, nesse aspeto, evolui.”* (P51Swinger)

Destarte, considerando o excerto anterior, é possível concluir que as mudanças, quer a nível do casal, quer a nível pessoal, são reflexo de um processo de desconstrução e ressignificação dos papéis tradicionais de género e de como as mulheres devem vivenciar as suas relações e sexualidade. Porém, saliento, uma vez mais, que esse processo é subjetivo e, portanto, todas as participantes se encontram em fases diferentes.

#### **4) Estigma**

O quarto e último tema surgiu através das referências das participantes a julgamentos, dentro e fora da prática de *swing*, direcionados particularmente às mulheres. Desta forma,

vamos aprofundar esses julgamentos nos seguintes subtemas: *Estereótipos do meio e Preconceito social*.

### *Estereótipos do meio*

Ao longo dos seus discursos as participantes mencionaram a existência dentro do universo *swinger* português de alguns pensamentos e julgamentos, associados às mulheres. O excerto que se segue exemplifica esses pensamentos.

*“o homem é o Alfa, o machão e a mulher está ali para dar o corpo, atenção isto é o estigma que existe não é o que todas sentimos, mas para muitos homens eles pensam assim. Maioria sabem valorizar e dar prazer à mulher mas depois, e neste caso são mais os homens singles, que acabam por ser chatos e querer sexo, sexo e só sexo por sexo não estão a pensar no prazer da mulher mas sim em dar-lhe uma foda (desculpa a palavra)” (P37Swinger)*

Assim, os pensamentos e comportamentos descritos no excerto refletem a influência das dinâmicas de poder associadas aos papéis tradicionais de género, onde os homens são agentes sexuais e as mulheres são objetos sexuais, permitindo aos homens exercer poder sobre o seu corpo das mulheres, controlando a possibilidade de estas terem ou não prazer e a sua satisfação sexual, e condicionando a forma como esta vivencia o *swing*. Todavia, as participantes referiram que nem todas as pessoas perpetuam estas dinâmicas de poder, uma vez que existem homens que respeitam os limites estabelecidos pelas mulheres e contribuem para o seu prazer.

Além destes pensamentos, as participantes referiram ouvir comentários julgadores relativamente ao vestuário que as mulheres apresentavam no contexto *swinger*. No entanto, os discursos não pronunciaram o mesmo tipo de posições ou comentários relativamente à indumentária dos homens no mesmo contexto.

*“E depois ali ninguém é julgado. Quer dizer, és julgado se levas umas calças. ... ‘Aquele é porque está com o período de certeza’ (risos)... Nós ouvimos muitos comentários desses. Eu nunca levei umas calças para um sítio daqueles, está fora de questão.” (P45Swinger)*

Neste sentido, os discursos revelam existir a expectativa da mulher se apresentar de forma mais sedutora, sendo comum as mulheres estarem apenas de *lingerie* ou com parte da roupa interior visível nos clubes de *swing*. Estas expectativas baseiam-se em estereótipos sexuais de género nos quais as mulheres aprendem a priorizar a sua atratividade sexual

para os homens, que por sua vez aprendem a objetificar as mulheres (Nelson & Brown, 2019), existindo um julgamento das mulheres que não correspondem a esta expectativa.

Um outro julgamento diz respeito às práticas sexuais das mulheres, sendo que, mais uma vez, o mesmo não se verifica relativamente às práticas sexuais masculinas.

*“Há uma das minhas conhecidas a dizer “ai aquela é puta, aquela é não sei quê” eu digo assim, desculpe o termo... “a gente entra aqui e é tudo igual”. Estamos no mesmo sítio, certo? (...) Ao fazer... ao estar com mais homens ou menos homens não é que me vai... não vai definir a pessoa em si, digo eu.” (P48Single)*

Portanto, existe um duplo padrão sexual que avalia os mesmos comportamentos sexuais de formas distintas. Assim, a multiplicidade de parceiras sexuais nos homens é percebida de forma positiva, e estes são caracterizados como “garanhões”, mas o mesmo comportamento praticado por mulheres é condenado e as mesmas são rotuladas de “put\*s” (Rothschild, 2018).

#### *Preconceito social*

Os julgamentos identificados nos discursos das participantes não se restringiam ao meio *swinger*, tendo sido identificados preconceitos sociais relativamente ao *swing* e às pessoas que o praticam.

Deste modo, o testemunho das participantes refere que a ideia que sociedade tem do *swing* é negativa havendo uma condenação do mesmo, por este quebrar a mononormatividade sobre a qual a sociedade está construída.

*“Olha vão para aquela casa de putas’ porque é mesmo o que as pessoas dizem, é mesmo desagradável... “olha, eles vão os dois, ele vai levá-la para foder. Anda a ganhar dinheiro”... Isso é muito mau!” (P45Swinger)*

Apesar destes preconceitos estarem associados ao *swing*, a condenação e julgamento estende-se às pessoas adeptas da prática, existindo novamente um duplo padrão sexual, tal como se pode ver no excerto acima.

Posto isto, todas as participantes relataram manter este estilo de vida em segredo, devido às conotações negativas que a sociedade atribui ao *swing* e às eventuais consequências negativas que daí possam advir (Ramey, 1975).

## Conclusão

A socialização das mulheres, segundo as normas estabelecidas pela heteronormatividade e mononormatividade, determina que estas para serem “boas mulheres” devem valorizar a sua beleza e os relacionamentos, viver a sua sexualidade de forma controlada e recatada dentro das relações monogâmicas e sempre com o intuito de agradar e satisfazer as vontades dos companheiros. No discurso das participantes, esta socialização reflete-se: no processo de iniciação ao *swing*, nomeadamente na forma como estas tomaram conhecimento do *swing*, das motivações que apresentaram para se introduzirem ao meio e das reações e receios que surgiram neste processo; na vivência do *swing*, como por exemplo na necessidade de conhecerem as pessoas com quem se envolvem, no envolvimento sexual entre mulheres, em alguns dos sentimentos identificados na vivência do *swing* e no receio de exposição deste seu estilo e vida; e nos estereótipos presentes na prática relativamente à forma como as mulheres se devem vestir e apresentar no meio. Além disto, é possível identificar momentos em que os papéis tradicionais de género e as dinâmicas de poder que lhe estão associadas estão presentes, designadamente no controlo de alguns maridos sobre quem as mulheres se envolvem sexualmente, na abordagem para eventuais envolvimentos ser assumida pelos maridos e na tentativa dos homens se assumirem como agentes sexuais exercendo um controlo sobre o corpo das mulheres, vistos como objetos sexuais, para satisfação própria. Porém, é, igualmente, possível reconhecer circunstâncias no *swing* onde existe uma quebra dos papéis tradicionais de género. São exemplos disso, o poder de decisão das mulheres na definição das regras entre o casal e na escolha das pessoas com quem se envolvem sexualmente, e, ainda, o poder dizer não e este ser respeitado, o que vai equilibrar as dinâmicas de poder e consequentemente têm um impacto positivo quer para as mulheres, quer para as suas relações. Associado às dinâmicas de poder dos papéis tradicionais de género está o duplo padrão sexual que avalia a sexualidade vivida com a mesma liberdade e comportamentos sexuais, por homens e mulheres, de forma distinta. É este duplo padrão sexual, e as normas pelas quais a sociedade se rege, que vão contribuir para a avaliação negativa que a sociedade faz do *swing* e das pessoas que o praticam, sobretudo se estas forem mulheres. Destarte, é de salientar que o facto de existir ou não uma quebra dos papéis tradicionais de género no *swing*, é consequência de um processo individual e subjetivo de desconstrução e ressignificação desses mesmos papéis. Desta forma, os

discursos das participantes são todos distintos, apresentando fases de desconstrução e ressignificação diferentes.

Assim, o *swing*, apesar de se apresentar como uma não-monogamia consensual, na qual apenas existe a exclusividade romântica, e do lema ser “onde tudo é permitido e nada é obrigatório”, é um universo antagônico e paradoxal (Silvério, 2014a). O presente estudo permitiu confirmar isso mesmo identificando circunstâncias dentro do *swing* nas quais os papéis tradicionais de género difundidos pela heteronormatividade e mononormatividade são perpetuados, assim como as desigualdades nas dinâmicas de poder que lhes estão associadas, e que desfavorecem a mulher em relação ao homem. E, concomitantemente, destacando contextos na prática de *swing* que desconstróem e ressignificam esses mesmos papéis tradicionais de género, diminuindo as desigualdades nas dinâmicas de poder e empoderando as mulheres. Neste sentido, o processo de desconstrução e ressignificação dos papéis tradicionais de género vai depender, e simultaneamente influenciar, da forma como as pessoas adeptas deste estilo de vida concetualizam e praticam o *swing* (Wolkomir, 2020).

Posto isto, podemos apontar como limitações do estudo, este não ter uma amostra representativa e a amostra ter sido obtida por conveniência, consequência das dificuldades no recrutamento de participantes, devido ao receio de exposição por parte das praticantes de *swing*. Além disso, podemos considerar uma limitação a dificuldade em uniformizar o método de realização das entrevistas, o que poderá ter condicionado os dados obtidos. Ainda assim, o presente estudo contribuiu para uma desmistificação do contexto *swinger* em Portugal, analisando a influência que este desempenha na desconstrução e ressignificação dos papéis tradicionais de género das mulheres. Todavia, no presente estudo ficou por explorar se o processo de negociação de regras em casal considera as necessidades individuais femininas e se as mulheres, e em que circunstâncias, também são agentes na abordagem para um eventualmente envolvimento. Desta forma, sugerimos que, no futuro, outros estudos procurem melhor esclarecer estas questões. Além disso, propomos que estudos futuros façam a mesma pesquisa desenvolvida na presente investigação, mas de uma perspectiva masculina de forma a complementar a análise acerca do processo de desconstrução e ressignificação dos papéis tradicionais de género. E, por último, propomos ainda que se desenvolva uma investigação sobre como as mulheres exprimem os seus desejos e interesses sexuais no *swing* e de que forma isso contribui para a sua concretização.

## Referências Bibliográficas

- Amaro, H. D., Alvarez, M.-J., & Ferreira, J. A. (2022). Sexual gender roles and stereotypes and the sexual double standard in sexual satisfaction among Portuguese college students: An exploratory study. *Psychology & Sexuality, 13*(5), 1350-1365. <https://doi.org/10.1080/19419899.2022.2039271>
- Barash, D., & Lipton, J. (2001). *The Myth of Monogamy* (1 ed.). Holt Paperbacks.
- Barker, M. (2005). This is my partner, and this is my... partner's partner: constructing a polyamorous identity in a monogamous world. *Journal of Constructivist Psychology, 18*(1), 75-88. <https://doi.org/10.1080/10720530590523107>
- Barker, M., Heckert, J., & Wilkinson, E. (2013). Polyamorous intimacies: From one love to many loves and back again. In T. S. Y. Taylor (Ed.), *Mapping intimacies: Relations, exchanges, affects* (pp. 190-208). Springer.
- Bergstrand, C. R., & Sinski, J. (2010). *Swinging in America: Love, sex, and marriage in the 21 st century* (Vol. 13). Praeger.
- Braun, V., & Clark, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners* (1 ed.). Sage Publications.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brewster, M. E., Soderstrom, B., Esposito, J., Breslow, A., Sawyer, J., Geiger, E., Morshedean, N., Arango, S., Caso, T., Foster, A., Sandil, R., & Cheng, J. (2017). A content analysis of scholarship on consensual nonmonogamies: Methodological roadmaps, current themes, and directions for future research. *Couple and Family Psychology: Research and Practice, 6*(1), 32-47. <https://doi.org/10.1037/cfp0000074>
- Chivers, M. L., & Timmers, A. D. (2012). Effects of gender and relationship context in audio narratives on genital and subjective sexual response in heterosexual women and men. *Archives of Sexual Behavior, 41*(1), 185-197. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9937-3>
- Conley, T. D., Ziegler, A., Moors, A. C., Matsick, J. L., & Valentine, B. (2012). A Critical Examination of Popular Assumptions About the Benefits and Outcomes of Monogamous Relationships. *Personality and Social Psychology Review, 17*(2), 124-141. <https://doi.org/10.1177/1088868312467087>

- Deri, J. (2015). *Love's refraction: Jealousy and compersion in queer women's polyamorous relationships*. University of Toronto Press.  
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=psyh&AN=2015-25795-000&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>
- Eagly, A. H., Wood, W., & Johannesen-Schmidt, M. C. (2004). Social Role Theory of Sex Differences and Similarities: Implications for the Partner Preferences of Women and Men. In A. H. Eagly, A. E. Beall, & R. J. Sternberg (Eds.), *The psychology of gender*, 2nd ed. (pp. 269-295). The Guilford Press.  
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=psyh&AN=2004-16374-012&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>
- Fasula, A., Carry, M., & Miller, K. (2014). A Multidimensional Framework for the Meanings of the Sexual Double Standard and its Application for the Sexual Health of Young Black Women in the U.S. *Journal of Sex Research*, 51(2), 170-183.  
<https://doi.org/10.1080/00224499.2012.716874>
- Finn, M. (2012). Monogamous order and the avoidance of chaotic excess. *Psychology & Sexuality*, 3(2), 123-136. <https://doi.org/10.1080/19419899.2011.551834>
- Frank, K. (2013). *Plays Well in Groups: A Journey Through the World of Group Sex* (1 ed.). Rowman and Littlefield Publishers.
- Gagnon, J. H. a. S., W. (1973). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality* (1 ed.). Aldine.
- Habarth, J. M. (2009). *Thinking 'straight': Heteronormativity and associated outcomes across sexual orientation* [Doctoral dissertation, University of Michigan]. APA PsycInfo.  
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=psyh&AN=2009-99050-423&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>
- Hamilton, L. D., De Santis, C., & Thompson, A. E. (2021). Introduction to the Special Section on Consensual Non-Monogamy. *Archives of Sexual Behavior*, 50(4), 1217-1223. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02055-z>
- Henshel, A.-M. (1973). Swinging: A Study of Decision Making in Marriage. In (Vol. 78, pp. 885): *American Journal of Sociology*.
- Jenks, R. J. (1998). Swinging: A review of the literature. *Archives of Sexual Behavior*, 27(5), 507-521. <https://doi.org/10.1023/A:1018708730945>
- Kim, J. L., Sorsoli, C. L., Collins, K., Zylbergold, B. A., Schooler, D., & Tolman, D. L. (2007). From Sex to Sexuality: Exposing the Heterosexual Script on Primetime

- Network Television. *Journal of Sex Research*, 44(2), 145-157.  
<https://doi.org/10.1080/00224490701263660>
- Kimberly, C. (2016). Permission To Cheat: Ethnography of a Swingers' Convention. *Sexuality and Culture*, 20(1), 56-68. <https://doi.org/10.1007/s12119-015-9309-y>
- Kitzinger, C. (2005). Heteronormativity in Action: Reproducing the Heterosexual Nuclear Family in After-hours Medical Calls. *Social Problems*, 52(4), 477-498.  
<https://doi.org/10.1525/sp.2005.52.4.477>
- Klesse, C. (2016). *The Spectre of Promiscuity: Gay Male and Bisexual Non-monogamies and Polyamories* (1 ed.). Routledge.
- Kowalski, B. M., & Scheitle, C. P. (2020). Sexual Identity and Attitudes About Gender Roles [Article]. *Sexuality & Culture*, 24(3), 671-691.  
<https://doi.org/10.1007/s12119-019-09655-x>
- Matsick, J. L., Conley, T. D., Ziegler, A., Moors, A. C., & Rubin, J. D. (2014). Love and sex: polyamorous relationships are perceived more favourably than swinging and open relationships. *Psychology & Sexuality*, 5(4), 339-348.  
<https://doi.org/10.1080/19419899.2013.832934>
- McCarthy, B. W., & Bodnar, L. E. (2005). The equity model of sexuality: Navigating and negotiating the similarities and differences between men and women in sexual behaviour, roles and values. *Sexual & Relationship Therapy*, 20(2), 225-235.  
<https://doi.org/10.1080/14681990500113229>
- O'Neill, N., & O'Neill, G. (1972). *Open Marriage: A New Life Style for Couples*. Evans and Company.
- Oswald, R. F., Blume, L. B., & Marks, S. R. (2005). Decentering Heteronormativity: A Model for Family Studies. In *Sourcebook of family theory & research*. (pp. 143-165). Sage Publications, Inc. <https://doi.org/10.4135/9781412990172>
- Pinkerton, S. D., & Abramson, P. R. (1993). Evaluating the Risks: A Bernoulli Process Model of HIV Infection and Risk Reduction. *Evaluation Review*, 17(5), 504-528.  
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=eric&AN=EJ473779&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>
- Rambukkana, N. (2015). *Fraught Intimacies. Non/Monogamy in the Public Sphere* (1 ed.). University of British Columbia Press.
- Ramey, J. W. (1975). Intimate Groups and Networks: Frequent Consequence of Sexually Open Marriage. In (Vol. 24, pp. 515): Family Coordinator.

- Reiss, I. L. (1964). The Scaling of Premarital Sexual Permissiveness. *Journal of Marriage & Family*, 26(2), 188-198. <https://doi.org/10.2307/349726>
- Rich, A. (2003). Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence (1980). *Journal of Women's History*, 15(3), 11-48. <https://doi.org/10.1353/jowh.2003.0079>
- Ritchie, A., & Barker, M. (2006). 'There Aren't Words for What We Do or How We Feel So We Have To Make Them Up': Constructing Polyamorous Languages in a Culture of Compulsory Monogamy. *Sexualities*, 9(5), 584-601. <https://doi.org/10.1177/1363460706069987>
- Rosa, B. (1994). Anti-monogamy: a radical challenge to compulsory heterosexuality. In G. Griffin (Ed.), *Stirring It: Challenges for Feminism* (pp. 107--120). Taylor & Francis.
- Rothschild, L. (2018). Compulsory Monogamy and Polyamorous Existence. *Graduate Journal of Social Science*, 14(1), 28-56. <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=sxi&AN=128199259&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>
- Rubin, G. (1984). Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In C. S. Vance (Ed.), *Pleasure and danger: Exploring female sexuality* (pp. 267-319). <http://www.faculty.umb.edu/heike.schotten/readings/Rubin,%20Thinking%20Sex.pdf>
- Rubin, R. H. (2001). Alternative lifestyles revisited, or Whatever happened to swingers, group marriages, and communes? *Journal of Family Issues*, 22(6), 711-726. <https://doi.org/10.1177/019251301022006003>
- Sanchez, D., Fetterolf, J., & Rudman, L. (2012). Eroticizing Inequality in the United States: The Consequences and Determinants of Traditional Gender Role Adherence in Intimate Relationships. *Journal of Sex Research*, 49(2/3), 168-183. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.653699>
- Schippers, M. (2016). *Beyond Monogamy : Polyamory and the Future of Polyqueer Sexualities* (1 ed.). NYU Press. <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=e000bww&AN=1084139&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>
- Serina, A., Hall, M., Ciambone, D., & Phua, V. (2013). Swinging Around Stigma: Gendered Marketing of Swingers' Websites. *Sexuality & Culture*, 17(2), 348-359. <https://doi.org/10.1007/s12119-012-9153-2>

- Sheff, E. (2012). *Three waves of non-monogamy: A select history of polyamory in the United States*. Retrived from: <https://elisabethsheff.com/2012/09/09/three-waves-of-polyamory-a-select-history-of-non-monogamy/>
- Silvério, M. (2014a). Gênero, sexualidade e swing: a ressignificação de valores através da troca de casais. *Gender, sexuality and swinging: resignification of values through partner exchange*.(18), 111-139. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2014.18.07.a>
- Silvério, M. (2014b). Swing em Portugal: uma interpretação antropológica da troca de casais. *Swinging in Portugal: an anthropological interpretation.*, 18(3), 551-574. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,uid&db=foh&AN=100755499&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>
- Simon, W., & Gagnon, J. H. (1999). Sexual Scripts. In R. P. P. Aggleton (Ed.), *Culture, society and sexuality – a reader* (pp. 29-38). UCL Press. <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=sxi&AN=16833334&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>
- Smiler, A. P., & Epstein, M. (2010). Measuring gender: Options and issues. In J. C. Chrisler & D. R. McCreary (Eds.), *Handbook of gender research in psychology, Vol 1: Gender research in general and experimental psychology*. (pp. 133-157). Springer Science + Business Media. [https://doi.org/10.1007/978-1-4419-1465-1\\_7](https://doi.org/10.1007/978-1-4419-1465-1_7)
- Teixeira, T., Grave, R., Aires, R., & Pereira, C. G. (2021). *isto não é um glossário: in/definições de géneros e sexualidades* (1 ed.). gentopia. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/136001/2/492883.pdf>
- Vaillancourt, K. T., & Few-Demo, A. L. (2014). Relational Dynamics of Swinging Relationships: An Exploratory Study. *The Family Journal*, 22(3), 311-320. <https://doi.org/10.1177/1066480714529742>
- Vaynman, M. J., & Harviainen, J. T. (2023). Speaking with Swingers in Spain and France: Strategies from the Swinger World. *Sexuality & Culture*, 27(1), 131-147. <https://doi.org/10.1007/s12119-022-10006-6>
- von der Weid, O. (2010). Swing, o adultério consentido. *Swinging, Adultery by Consent.*, 18(3), 789-810. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000300009>
- Ward, L. M., Rosenscruggs, D., & Aguinaldo, E. R. (2022). A scripted sexuality: Media, gendered sexual scripts, and their impact on our lives. *Current Directions in*

*Psychological Science*, 31(4), 369-374.

<https://doi.org/10.1177/09637214221101072>

Wilt, J., Harrison, M. A., & Michael, C. S. (2018). Attitudes and experiences of swinging couples [Article]. *Psychology & Sexuality*, 9(1), 38-53.

<https://doi.org/10.1080/19419899.2017.1419984>

Wolkomir, M. (2020). Swingers and polyamorists: A comparative analysis of gendered power dynamics. *Sexualities*, 23(7), 1060-1079.

<https://doi.org/10.1177/1363460719876845>

Ziegler, A. L. I., Matsick, J. L., Moors, A. C., Rubin, J. D., & Conley, T. D. (2014). Does Monogamy Harm Women? Deconstructing Monogamy with a Feminist Lens.

*Journal für Psychologie*, 22(1), 1-18.

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib,uid&db=asn&AN=116308093&lang=pt-pt&site=ehost-live&scope=site>

## ANEXO 1. Divulgação do estudo

**AS EXPERIÊNCIAS  
FEMININAS NO SWING**

**Dissertação de Mestrado**

Podem participar:

- Mulheres
- Maiores de 18 Anos
- Praticantes de swing - swingers ou singles

---

Se tens interesse, envia email:

**swing.experienciasfemininas@gmail.com**

## ANEXO 2. Guião de entrevista

### Entrevista semiestruturada:

#### Questões sociodemográficas:

1. Idade: \_\_\_ Anos
2. Sexo atribuído à nascença: \_\_\_\_\_
3. Identidade de género: \_\_\_\_\_
4. Estado Civil/ Relacional: \_\_\_\_\_
5. Nacionalidade: \_\_\_\_\_
6. Habilitações literárias:
  - 1.º ciclo: \_\_\_ Licenciatura: \_\_\_
  - 2.º ciclo: \_\_\_ Mestrado: \_\_\_
  - 3.º ciclo: \_\_\_ Doutoramento: \_\_\_
  - Bacharelato: \_\_\_
7. Profissão: \_\_\_\_\_

#### Guião de Entrevista Semiestruturada

*Gostaria de começar por agradecer a sua disponibilidade.*

*Relembro também que toda a nossa conversa é totalmente confidencial, a sua participação será anonimizada e a gravação posteriormente destruída. De qualquer forma, se por alguma razão considerar que não se sente confortável poderá interromper e desistir desta entrevista a qualquer momento.*

- 1) Gostaria de começar por lhe perguntar qual é, para si, a definição de swing?
- 2) Quando foi a primeira vez que ouviu falar de *swing* ou de outro modelo de relações não monogâmicas consentidas?
- 3) Recorda-se do que pensou e sentiu acerca do tema?
- 4) Como descreve a vivência da sua sexualidade antes da entrada no swing?
- 5) Poderia descrever como foi o processo de iniciação ao contexto swing, desde a tomada de decisão à introdução ao meio.
- 6) Durante esse processo existiu alguma negociação, entre si e a pessoa que a acompanha(va), para definirem em conjunto um acordo prévio?

- a. Se sim, poderia contextualizar a negociação desse acordo e respetivo conteúdo?
- 7) Poderia descrever o primeiro contacto que teve com o contexto swing?
- 8) Da sua experiência, quais foram os desafios que encontrou na prática do swing:
  - a. A nível pessoal?
  - b. A nível do casal/relacional?
- 9) Como lidou/lida com esses desafios?
- 10) Após a entrada no swing, como descreve a sua vivência da sua sexualidade?
- 11) Como avalia a sua relação?
  - a. Considera que a sua avaliação mudou após de ter entrado no swing?
- 12) Como se sente sobre partilhar esta sua vivência?
  - a. Mesmo com pessoas que lhe sejam próximas?
- 13) Tem algum outro aspeto que gostaria de partilhar e que eu não tenha abordado?

*Muito obrigada!*

## ANEXO 3. Declaração de consentimento informado

### Consentimento informado

#### “Swing – experiências femininas” – Realização de entrevistas

A presente investigação está a ser realizada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça e da Desviância, pela estudante Isabel Cristina das Dores, sob a orientação da Professora Doutora Sara Isabel Magalhães, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O tema do estudo tem como objetivo perceber quais as experiências das mulheres que se incluem na comunidade *swinger* portuguesa, como *swingers* ou *singles*. Para tal, a investigação irá recorrer a entrevistas semiestruturadas às pessoas participantes e gravação de áudio das mesmas, possibilitando a obtenção dos seus relatos. Pretende-se que as entrevistas ocorram uma vez, num espaço seguro e privado, em formato online ou presencial. Garantimos ainda que as gravações serão destruídas após transcrição das entrevistas e anonimização da sua participação.

Às pessoas participantes será assegurada a sua participação informada e voluntária, sendo que a qualquer momento, durante a entrevista, podem desistir sem qualquer prejuízo. É ainda de ressaltar que em todas as entrevistas será garantido quer o anonimato como a confidencialidade, e ainda que todos os dados recolhidos só serão usados para fins de investigação. Também não se antecipam riscos acrescidos em virtude da sua participação.

Ainda assim, caso sinta que a sua participação neste estudo causou impactos indesejados na sua vivência atual, por favor, recorra a acompanhamento psicológico. Sugerimos o contacto com o SNS, através do seu centro de saúde de referência, ou em alternativa o Serviço de Consulta Psicológica da FPCEUP ([secretariado\\_consultas@fpce.up.pt](mailto:secretariado_consultas@fpce.up.pt)).

Poderá, a qualquer momento, entrar em contacto com a equipa de investigação (através do contacto [swing.experienciasfemininas@gmail.com](mailto:swing.experienciasfemininas@gmail.com)) caso deseje que as suas respostas não sejam incluídas no estudo. Poderá ainda usar o mesmo contacto se desejar ter acesso aos elementos produzidos pela investigação no final da mesma.

Sem mais nada a acrescentar, agradece-se desde já a atenção e disponibilidade.

Assinatura (Estudante): Isabel Cristina das Dores

Assinatura (Orientadora): Sara Magalhães

### **Consentimento informado**

#### **“Swing – experiências femininas” – Realização de entrevistas**

Declaro ter lido e compreendido o documento acima, onde se encontra explicitado o tema e o objetivo da investigação, bem como todas as informações verbais adicionais fornecidas.

Fui informada de que todas as informações obtidas são confidenciais, sendo mantido o anonimato das pessoas participantes durante todo o processo. Foi-me também garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências.

Assim, declaro que a minha participação é voluntária, consentindo a realização da entrevista e gravação da mesma.

Concedo, ainda, permissão para a utilização dos dados recolhidos, fornecidos voluntariamente, entendendo que apenas serão utilizados para esta investigação e sob as garantias de confidencialidade e anonimato explicitas no documento.

Por ser verdade, assino,

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: